

OS (DIS) SABORES DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: PROBLEMAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES¹

Ivone Agra Brandão²
Ramsés Nunes e Silva (orientador)³

O ensino de História hoje tem proporcionado inúmeros caminhos no campo do aprendizado. Para acompanhar o que os historiadores chamam de “renovação historiográfica”, o estudo da História nos últimos tempos tem passado por serias modificações e, portanto sua perspectiva é acompanhar as novas metodologias, os novos objetos e os novos problemas que a dinâmica da história tem oferecido. Desde os “Anales” de Bloch e Febvre, que surge no final da década de 1920, a História tem postulado um novo caráter não se fechando para o diálogo com as demais ciências. A articulação com disciplinas das Ciências Sociais como a Sociologia, Antropologia, Economia, e Filosofia, permitiu aos historiadores ampliar seu campo de estudo.

A arte de ensinar História, neste sentido não deve se localizar distante destas discussões, os ideais da educação devem comungar com o que se tem de novo na historiografia para que o ensino possa evoluir junto das novas problemáticas. O professor de História é um dos mediadores na sala de aula no intuito de levar para seus alunos as modificações que estão acontecendo no estudo da História, e um dos principais instrumentos utilizados na construção do aprendizado, ainda continua sendo o livro didático.

Motivo de inúmeras discussões, ele é alvo de críticas e elogios. Para muitos ele é um problema quando posto na centralidade, e não bem elaborados, e para outros um desafio quando se tem em mãos um instrumento cheio de lacunas. E do mesmo modo ter consciência de que ele não é o único material a ser utilizado. Sabendo que não existe um livro didático completo e perfeito, e que sempre existirá lacunas que serão preenchidas com a criatividade do professor.

Este trabalho visa identificar os sabores que o livro didático tem oferecido no campo da educação, quando trabalhado de forma consciente e aguçadora no intuito de levar o aluno na construção de seu conhecimento. Da mesma forma, problematizar o processo inverso que permeia dentro de uma estrutura educacional desconfortante, e que está ligado a uma realidade presa a dicotomias que estão entrelaçadas entre os avanços teóricos-metodológicos e a prática de ensino, não havendo uma comunicação fiel em ambas às partes. Como também apontar as fragilidades e o quanto este instrumento está cheio de

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História da Educação no contexto da Cultura Histórica”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

³ Mestre em História pela UFPE, atualmente professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande.

(dis)sabores, por não ser ainda um material rico em informações construtivas e por isto continua permanentemente adequando-se as estruturas exigidas pela dinâmica da História.

A partir desta reflexão, aponto os variados problemas nele existentes, estando conscientes de que a utilização do didático em sala-de-aula torna-se um desafio. Para a realização de um bom trabalho é preciso revelar novos sentidos ao seu uso e buscar outras possibilidades de manuseio com outras fontes, no intento de levar o aluno a problematizar os variados caminhos que a História tem proporcionado.

Como começar uma discussão tão ampla e cheia de desafios para o professor/historiador? Não podemos considerar o livro didático como “o” problema, mas detectar os problemas que norteiam esse campo de interesses. Começando desde a máquina empresarial das editoras até a má formação dos professores que estão a lecionar nas escolas, juntamente aliados a uma péssima estrutura de ensino e a falta de incentivo salarial. Todas estas “pedras” no caminho fazem com que o trabalho com o livro didático não seja utilizado por um total deleite pelos alunos, porque os conteúdos ministrados não serão por eles aproveitados.

Começando por estas barreiras estruturais, encarnado na nossa sociedade chegando até os mais anacrônicos que estão contidos no próprio livro didático, comprometendo a qualidade impedindo os professores de proporcionarem um melhor desempenho de suas aulas. Hoje a situação é alarmante, muitos desses facilitadores permanecem utilizando o didático como centro de suas aulas, fazendo com que o aluno absorva de maneira negativa todos os saberes que estão propostos nos livros, introjetando seus significados e ajudando a cravar esteriótipos na sociedade.

O livro didático não é a salvação para o melhoramento da estrutura de ensino. O professor como mediador deverá apresentar outros recursos, para que o conhecimento do aluno não se construa limitado de informações. São as novas possibilidades de trabalho como filme, fotografia, música, literatura, revista, jornal e etc, que dão um sabor especial na repercussão dos conteúdos, estes quando ligados aos novos problemas ficam mais interessantes de ver, ler e discutir.

O trabalho com o livro didático é um desafio, a procura de uma material que leve o aluno a problematizar os variados caminhos da história, dilacerando as fronteiras do conhecimento e revendo seus novos sentidos, torna-se um trabalho criterioso para o professor. A maioria destes livros continua ligada às mesmas estruturas e aos mesmos discursos oficiais e tradicionalistas. São poucos aqueles que estão preocupados em levar o conhecimento reflexivo e crítico ao aluno, estando despreocupados em acompanhar as novas metodologias, os novos objetos e os novos problemas que a dinâmica da História tem proporcionado.

A importância do livro didático de História como fonte de pesquisa na sala de aula, é apontado como um veículo fundamental na transmissão de valores, e significados nas mãos

do aluno. O livro torna-se um instrumento imprescindível na transferência do conhecimento por mediação do professor, por isso a qualidade deste material por todas as partes é tomada como uma exigência, portanto é concentradora de olhares na disseminação de críticas, para que no tocante, ele possa promover atualizações e melhoramentos, proporcionando assim um nível intermediário de qualidade.

Alguns são motivos de elogios, por estar contido nos critérios estabelecidos pelo MEC e dentro das linhas gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Contudo não deixa de ser alvo de reclames de professores e interessados na área, pelo fato de que mesmo estes livros passando por uma série de critérios, chegam ao mercado com os mesmos problemas apontados anteriormente. Todas estas reclamações são enviadas para o MEC que a partir dos programas nacionais se empenham a solucionar seus impasses. Porém, o que se percebe, mesmo com os esforços em levar este melhoramento, não se consegue chegar a um elevado nível de perfeição.

Mas o que deve ser feito para que o aluno tenha em mãos em bom livro de História? Hoje tudo o que está relacionado ao livro é sinônimos de críticas. É por mérito falar que o livro didático conquistou grandes avanços, conseguindo romper barreiras metodológicas e epistemológicas. O livro didático de História foi criado com o intuito de auxiliar os professores em suas aulas. Para que um livro seja qualificado é preciso que haja grandes esforços em todos os âmbitos. Certos de que não é fácil a elaboração de um livro, porém comparado a cinquenta ou trinta anos atrás, a produção e a qualidade dos livros melhoraram significativamente.

Retrocedendo a época em que a família Real portuguesa veio para o Brasil, foi neste período em que se começou a pensar numa estrutura de ensino para o país, levando muito tempo para que se pudesse identificar uma educação genuinamente brasileira.

Nossos brasileiros eram formados em universidades européias, e quando voltavam ao país, estavam tomados de teorias eurocêntricas. Foi no Império e na República que começou-se a pensar na construção de didáticos para o país. Muitas cidades brasileiras mostravam interesses na instrução de seus filhos, naquele momento a educação era vista como algo indispensável para a construção de uma unidade e nacionalidade, por isto os livros didáticos surgiam como instrumento importante, intencionadas em moldar os brasileirinhos dentro de um processo normatizador e civilizador. Começando por este período o livro didático começa a ser formador de significados, seja para desenvolver o sentimento de nacionalidade e estimular o amor à pátria ou fundamentalizar a construção da história de um país que buscava uma identidade.

Hoje, trabalha-se para que o didático não seja o papel de destaque nas aulas de História, mas que ao lado de outras fontes, possa ser mais um dos instrumentos que levará o aluno ao conhecimento. Porém, a situação dos didáticos no Brasil é alarmante, sabemos que

alguns deles ainda possuem os mesmos discursos dos grandes heróis e fundadores somados a preservação do sentimento de nacionalidade. O livro é um formulador de identidades, o que está nele escrito é a incorporação de concepções históricas pré-estabelecidas, podendo ser um instrumento de legitimação de poder.

A elaboração de um livro é uma atividade complexa, exigindo do autor além de conhecimentos teóricos em sua área, determinação e criatividade na sua construção. Tudo o que nele estiver proposto deverá estar adequado à realidade da educação brasileira, pois diferente do século XVIII, não se escreve um livro didático com uma linguagem aproximada a acadêmica. Quando o livro didático é pensado, ele é intencionalmente trabalhado para que, possa estar na lista dos melhores e poder ser distribuído nas escolas públicas.

Para que um livro didático possa estar contido na lista do PNLD, (Programa Nacional dos Livros Didáticos), primeiro passará por uma equipe de professores especializados, que se comprometerão em avaliar a partir de diferentes aspectos a qualidade do livro, tomando como base os *Critérios eliminatórios e Classificatórios*⁴ do Ministério da Educação. Neste caso, a História ganha um objetivo específico que é a “*compreensão dos diferentes processos e sujeitos históricos, das relações que se estabelecem entre os diferentes grupos humanos, nos diferentes tempos e espaços, sempre a partir de um efetiva dimensão de contemporaneidade*”⁵. A História ganha uma amplitude, porque comporta-se como um processo das experiências da humanidade, no entanto este conceito, deverá chegar no livro, não com uma leitura distanciada, mas como algo que possa garantir ao aluno o contato direto com a compreensão de sua realidade, para que o aluno construa –se como um sujeito detentor de sua própria história.

Um dos maiores critérios exigidos na avaliação dos didáticos, é que ele possibilite ser uma obra aberta, possibilitando apresentar uma compreensão da realidade, para que leve o desenvolvimento e a formação da cidadania. Um bom livro não deve conter modismos, mas que este adeque-se com a renovação historiográfica, tratando de buscar as contribuições que as correntes atuais tem a oferecer ao ensino e ao aprendizado.

A opção teórica utilizada por cada autor na construção do livro didático é opcional, desde que ele tenha consciência na elaboração de seu material adequando-se aos moldes contemporâneos tendo coerência nos conteúdos e a partir deles promover uma adequação metodológica, com afã de conduzir o aluno a caminhar iniciando por suas experiências, tratando-o com um leitor ativo em busca de novos conhecimentos. A leitura deverá ser

⁴ Para que um livro didático esteja constado no *Guia de Livros Didático do PNLD*, passará por vários critérios, que são os erros mais comuns de identificação conceitual e de extrema gravidade como: anacronismo, voluntarismo, nominalismo e ainda informações corretas e atualizações. Além da verificação da consistência metodológica somados aos critérios classificatórios que permite analisar se o livro aproxima-se a realidade do aluno, e se ele possui um linguagem flexível além de boas propostas de atividades, discernimento conceitos, coerência de imagens e outros.

⁵ BEZERRA, Holien Gonçalves. *O Processo de Avaliação de Livros Didáticos – História*. IN: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: Fronteiras / Associação Nacional de História SP: Humanistas/ FFCH/USP: ANPUH, 1999. *Anais do XX Simpósio Nacional de História*, realizado em Florianópolis (SC) em Julho de 1999.

estimulante, o autor não deverá tratar o aluno/leitor como um indivíduo que se assemelha a uma caixa vazia.

O mundo hoje proporciona diversas formas de informação, através das revistas, do rádio, da televisão, internet e outros. Quando este aluno, entrar em contato com o didático, os seus conhecimentos prévios serão ativados, fazendo com que absorva novas informações, porque sua busca é sempre o “novo” e o que tem de pitoresco, provocador e estimulante.

O livro tem que ser coerente em todos os aspectos, começando por sua capa. A capa representa muito na escolha dos livros, por isto é bom que cada professor verifique que representações elas trazem, se realmente ela tem uma relação concreta com a obra em si. A partir daí, observar qual o título do livro, se ele ouse em apresentar uma “História Total” ou uma “História Geral e do Brasil”. O título deverá ser chamativo, não se pode levar uma “obra completa” ao aluno, mas poderá proporcionar o contato com uma “obra aberta”, desde que ele esteja trabalhando junto ao livro como em uma oficina, e não que ele seja apenas um mero receptor de informações e conteúdos.

A nossa realidade enquanto estrutura de ensino vai além destas discussões. Vivemos em um país com um grande contraste em relação à educação, não é em todos os lugares que encontramos nas escolas públicas, antena parabólica, televisão, DVD, paradidáticos e material de apoio em geral. Em muitos casos o livro ainda é o principal veículo de acesso à comunicação na escola: *“Quanto mais pobre é o meio social e a escola, menos o estudante dispõe de outros instrumentos didáticos para cortejo e melhor aprendizagem”*. Devido a esta frágil realidade, o professor/mediador terá um grande problema em suas mãos, estando em seu poder o dever de adotar um livro, livre de cristalizações, do discurso autoritário e que abra brechas para questionamentos.

O papel da educação é histórico, ela é formadora de identidades e conhecimento de valores nacionais, contribuindo para a formação da cidadania. Todo este entrelaçar de apontamentos convoca-nos a fazer inferências ao nosso cotidiano como professor/historiador, até chegarmos a nossa formação, que é um dos problemas da educação no Brasil que relacionar-se-á com a problemática do livro didático. O baixo nível de qualificação do docente gera profundos conflitos no aprendizado do estudante. Muitos desses profissionais não passaram por uma formação profissional adequada, permanecendo até ensinando uma disciplina que não fora formado. O professor de História é formado nas universidades de graduação, a qual deve conter um alto teor de conhecimento teórico, de modo a dar-lhe condições de leva-lo a um aprendizado adequado.

A proliferação dos cursos de curta duração tem deixado a desejar quanto à qualidade do ensino nas escolas. Enquanto um graduando comum passa quatro anos ou mais para estar apto a lecionar, estas escolas jogam anualmente profissionais com o mínimo de preparo e de competência para o magistério. Por muito tempo estas escolas serviram para “tapar um

buraco” no ensino brasileiro, formando em curto prazo professores para suprir determinadas áreas no país. Mas hoje, a situação está se alastrando, muitas pessoas preferem estudar um dia na semana, a estar todos os dias dentro de uma universidade para conseguir um certificado. Segundo Joana Neves, as licenciaturas curtas, acompanham também as políticas salariais, que culminam na má condição profissional, e é uma das justificativas para a remuneração desumana e humilhante.⁶

O ensino requer uma exigência tanto na área específica quanto pedagógica, ambos tem que caminhar juntos na formação do aluno. Para Joana Neves, há duas vertentes: uma está aliada a este despreparo do professor, e a outra intrínseca na realidade que é a má remuneração, deste modo o professor assume uma dupla condição de solução e problema, e ainda:

“Em todos os projetos educacionais, a atuação do professor é o elemento central para a eficácia pretendida, porém, no diagnóstico dos problemas a serem superados, consta, infalivelmente, a questão da qualificação do professor, que nunca está preparado para realizar as novas tarefas e enfrentar os novos desafios”⁷

Portanto, analisando por esta perspectiva o motivo da desqualificação do professor está aliado a sua má formação, e sua falta de motivação no ensino é decorrente da desvirtuosa remuneração, onde é obrigado a trabalhar em péssimas condições.

O livro didático não deve ser tratado por seus autores como um “pacote de viagem” no qual o aluno carrega por algum tempo e depois descarta-o, mas ele é a própria viagem, de múltiplos trajetos e inúmeras possibilidades de reflexões e críticas e que escapam até mesmo das intenções do(s) autor(es). O diálogo com as variadas formas de “brincar” com a história é um caráter decisivo, todo o didático necessita de levar o conhecimento além do que está proposto, este empreendimento tende a diferenciar um livro de outro, dinamizando e enriquecendo suas propostas.

A utilização da imagem é outra investida a tomar pelo elaborador, uma vez que o seu uso como fonte, especialmente como método de pesquisa é um ponto que qualificará sua obra. O emprego da imagem como integrante no livro didático, deve ser por toda harmoniosa, ela não é aquele tipo de material que serve para enfeitar um livro. Muitos autores utilizam as iconografias de maneira tão demasiada que em vez de enriquecer, acaba provocando cansaço na hora da leitura. Mas, qual a importância da ilustração para os alunos? As ilustrações tendem a preencher um espaço que o texto escrito não pode responder. Qualquer iconografia transpassa para o leitor um série de significados e sentidos. É mais um texto que deverá cautelosamente ser entendido e subjetivado. Uma vez selecionada, a

⁶ NEVES, Joana. *A Formação do Professor de História no Brasil*. IN: **Educação & História no Brasil Contemporâneo**. SCOCUGLIA, Afonso Celso e PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira (org). Faltam completar*****p.39

⁷ Idem, 4

imagem revela o seu lugar e a sua fala, somente a linguagem textual garante-lhe um sentido, sendo necessário que a imagem tenha harmonia com o texto e contexto, de modo a buscar o seu lugar na fala.

“Quando bem escolhidas, funcionam como manchetes de jornais diários, com finalidade de sintetizar ou ampliar o que o texto escrito exprimiu. Por ter caráter diferente da documentação escrita, a imagem acaba servindo como mostruário do texto, ocultando informações e interpretações próprias, alheias ou complementares do texto escrito”⁸

Quando um professor analisar um livro ele deverá observar a partir de um olhar criterioso todos relacionamentos que a imagem tem com o texto e com a obra ao todo. A primeira advertência é está relacionada com as representação das imagens , sabendo que ela visa estabelecer uma relação com o mundo, e que ela não é o real, mas a representação deste real, que poderá conter coisas concretas ou abstratas. A imagem precisa agradar aquele que vê. O professor tem a obrigação de ensinar o seu uso, garantindo sua compreensão, e afirmando a nossa relação com o mundo real.

O uso da iconografia no livro didático compreende uma grande intencionalidade, quando ela é posta de modo positivo, acaba por ampliar as possibilidades de leitura e compreensão dos textos escritos, e quando bem problematizadas provocam a atenção dos leitores, levando-os a refletir sobre os seus diferentes significados.” *A compreensão do significado de algumas imagens e o motivo pelo qual foram construídos altera o conteúdo das imagens e amplia sua visão*”⁹. Neste caso deve-se observar se a imagem tende a fortalecer a representação dos sujeitos fundadores, ou se ela está representado figuras taxadas na sociedade como a discriminação de cores, raça e religião. Atentando-se a estas observações que tendem a cristalizar uma imagem de um Brasil construído a partir de brancos e católicos, ou aquelas que privilegiam apenas um grupo nas sociedades em detrimento do outro.

As imagens não devem encontrar-se soltas no livro, primeiro carece estar de acordo com o apresentado no texto, estando devidamente legendadas e tituladas. O descuido com as imagens é mais um dos problemas contidos nos didáticos de História, muitos deles trazem para o mercado livros, em que as imagens estão em total desarmonia com o texto: pequenas demais ou exageradas, desfocadas, mal recortadas, excessos de imagens, ou até mesmo a escassez delas.

A utilização da imagem não compreende apenas o aspecto representativo, ela contribui para que haja entendimento do que o homem construiu de si mesmo e da humanidade, incluindo seus pensamentos, arte, sentimentos, comportamentos, em diferentes tempos e espaços, conscientes de que ela é apenas a preservação de um momento.

⁸ OLIVEIRA, Maria Augusta Martierena de e TAMBARA, Eleomar Antônio Callegaro. *A imagem fotográfica como fonte de pesquisa para a pesquisa em História da Educação*. IN: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal, RN: SBHE, 2002. P.dois

⁹ Idem, 5, p. 3.

Por muito tempo tentou-se abordar uma História do Brasil voltada à construir os grandes heróis, e dar um caráter de sentimento nacionalista. Hoje os Parâmetros Curriculares procuram reverter esta situação, na adoção de obras mais abertas e próximas da realidade dos alunos. Esta relação pretende proporcionar ao estudante uma ligação direta entre passado e presente, levando-o a problematizar o que muitas vezes fora estabelecido e taxado pelo próprio livro.

Aquele que lê e degusta a História poderá perceber que não foi uma pequena maioria que construíram a História, mas a participação dos grupos dos excluídos e marginalizados que foram omitidos de uma História, porque não demonstravam um ideal de perfeição, tentando-se esconder por muito tempo a ação destes personagens. Para LUPORINI, os PCN's foram elaborados com o objetivo de ampliar a compreensão dos alunos de ensino Fundamental e Médio de sua realidade, especialmente confrontando com a sua realidade histórica, e que a partir dela possa fazer suas escolhas estabelecendo critérios para suas ações.¹⁰ Tomando este direcionamento, a História permite ao aluno refletir sobre seus valores e práticas cotidianas relacionando-as com as problemáticas referentes ao seu convívio social.

Estamos vivenciando um novo contexto de renovações historiográficas e pedagógicas, porém continuamos a enfrentar os velhos problemas, grandes são os esforços para contornar esta situação. Este reconhecimento de que a História vem incorporando as novas práticas e concepções, é tratado como uma quebra de barreiras na sociedade começando pela sala de aula, que é um espaço primordial de sociabilidade, aos quais os próprios alunos vão manifestar seus conflitos, preconceitos, desrespeito e indiferença. A escola é um mundo de diversidades, e muitas dessas manifestações não foram apenas subjetivadas dentro da sala de aula, mas também a partir da leitura e significação dos livros didáticos.

Por isto, o cuidado dos PCN's é estimular essa quebra de interesses massificadas no livro didático de História, propondo conteúdos direcionados a partir de eixos temáticos, e exigindo que seja observado pelos autores a utilização de preconceitos, dos erros conceituais, e o privilégio de minorias. O objetivo dos livros é proporem obras que levem a conhecer as próprias raízes, acabando com a história voltada aos heróis e vencedores. Quanto aos conteúdos, a sua seleção proporciona ao aluno o dimensionamento com a temporalidade e a compreensão dos problemas atuais e cotidianos. A forma metodológica da História enquanto disciplina permite introduzir os fundamentos teóricos, a partir da organização de temas transversais.

Como as atividades devem ser propostas? As atividades também devem ser atraentes, quebrando aquele tipo de questões que fazia com que o aluno copiasse apenas o que a

¹⁰ LUPORINI, Teresa Jussara. *Os Currículos e as Novas Fronteiras de História*. IN: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: Fronteiras / Associação Nacional de História SP: Humanistas/ FFCH /USP: ANPUH, 1999. *Anais do XX Simpósio Nacional de História*, realizado em Florianópolis (SC) em Julho de 1999.

questão propunha, a velha dicotomia entre perguntas prontinhas e respostas verdades, questões que não exigem reflexões e críticas sobre o que foi estudado. O autor deverá propor questões não apenas que atentem a memorização

do assunto, mas tentar flexibilizar as atividades incluindo o trabalho com pinturas, fotografias, música, literatura, matérias jornalísticas, mapas, documentos históricos etc. O aluno tem que ser provocado em todos os momentos a refletir, condicionado-o a conquistar desafios e oferecer o contra –ponto, mostrando que nenhuma visão de história é detentora da verdade.

A interdisciplinaridades é um ponto de apoio a novas conquistas, fomentando além do dialogo com o conteúdo em si, caminhar juntos a outras ciências que ajudam o aluno a ampliar o seu conhecimento e estender seus caminhos em busca de novos aprendizados.

Para muitos autores o livro didático é um veículo que assegura a legitimação do poder, abrindo pouco espaço para os questionamentos e reflexões. A tão desejada obra aberta que tanto sonhamos é embatida pelo discurso autoritário. Entretanto, cometer generalizações não está na ordem do dia, porque existem obras que estão tentando promover esta abertura e aproximação com a realidade.

Decidir entre um livro didáticos ou outro é um trabalho minucioso, quando o material é direcionado às escolas públicas, por exemplo, as editoras tentam “empurrar” livros de péssima qualidade para os professores. Os livros de Ensino Fundamental são escolhidos pelo MEC, cabendo ao professor escolher entre aquele ou outro. No Ensino Médio a complicação torna-se maior ainda, uma vez que o Governo não envia nenhum tipo de material didático para a escolha pública, ficando a critério do professor, a escolha do seu material. Para alguns isto é uma “festa” neste caso professor optaria além da ajuda do livro por outros materiais como: revistas, vídeos, fotografias. Para outro é um desafio, quando tem-se em mãos o livro didático. E quando ele não é repassado e então o que fazer?

Em certa parte é de responsabilidade dos governantes que o cidadão tenha direito a educação, mas o incrível é que somente agora os responsáveis pela educação do país, perceberam a existência de falhas na estrutura do ensino no Brasil, e por isto recentemente o Ensino Médio foi contemplado com recebimento do livro didático, o problema é que lembraram-se apenas de Língua Portuguesa e Matemática, não existindo espaço para outras disciplinas. Será que aprender a criticar, refletir, problematizar meu mundo, incomoda?

O que ganhamos quando temos o conhecimento dentro de nós, e perto de mim? O conhecer incomoda aqueles que querem que os nossos brasileiros não tenham consciência do que está acontecendo com a realidade do nosso país.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do MEC propõe para cada escola uma lista com a referência de vários livros que foram aprovados a partir de uma avaliação. O *Guia de*

Livros Didáticos é preparado exclusivamente por uma equipe de especialistas em diversas áreas do conhecimento. Ao receber o pedido o MEC envia os livros escolhidos que gratuitamente é distribuído nas escolas públicas do país. Os livros ficam com os alunos por um ano letivo, após o término estes livros são devolvidos à escola para que no próximo ano este mesmo livro seja reutilizado por outro aluno. Os estudantes são orientados em sala de aula para com a manutenção de seu material didático. E ainda são realizadas propagandas midiáticas nacionais em cima desta campanha educativa. São produzidos comerciais e mais comerciais conscientizando os alunos a encapem seus livros e preservem, para que posteriormente ele seja reutilizado, isto é, em muitas escolas do Brasil o número de livros recebidos é inferior ao número de alunos. Para contornar o problema o livro é utilizado por dois alunos. Como o governo faz o envio destes livros de quatro em quatro anos, muitos alunos às vezes desistem de ir à escola e não fazem a devolução de seus livros, ou muitos burlam o sistema não entregando no fim do ano, de modo que no ano seguinte haja a falta desses livros.

Outra situação que causa mal-estar nos professores é quando não há um consenso na escolha do didático, muitos preferem utilizar uma mesma obra durante anos.

O livro didático às vezes enfeita uma aula e não dinamiza, muitos professores encontram neste instrumento o único refúgio para se obter o conhecimento, o problema vai mais além, como o professor avaliará um livro quando ele próprio não fora preparado para decidir qual o material mais condizente a ser aplicado com a realidade dos alunos? Muitos professores não estão preocupados em escolher um bom material, mas em simplesmente “dar sua aula”, muitos deles continuam utilizando o mesmo autor há anos, conhecendo até os erros das vírgulas contidas nos livros.

Falar em substituir jamais, porque “este é o melhor”, existem aqueles cujos outros colegas de disciplina resolveram substituir, mas não resistem aos livros de “sobra” do ano passado, que servirá para dar ainda uma boa aula aos alunos. Para alguns professores que se acostumam em usar apenas um livro, o diálogo com outras obras é inadmissível.

A situação piora quando o problema é a formação do professor. Quantos deles são preparados de acordo com as novas exigências curriculares e a dinâmica que a História tem proporcionado? Dependendo de sua formação, decidirá entre um livro que lhe proporcione a “História-Problema”. Muitos saem das academias ou “cursos relâmpagos”, sem entrarem em contato com as novas metodologias do ensino de História, deixando de conhecer os caminhos que a História rumou quando rompe com uma corrente oficial, marxista e toma outros caminhos. A História deixou de ser triste e insólita, como diz Chico Buarque:

*“E quem garante que a História
É carroça abandonada, numa beira de estrada*

Ou numa estação inglória”¹¹

Para se escolher um livro, deve-se entender que a história presente nele seja algo doce e saboroso na hora da leitura, datas, nomes dos grandes, são considerados chatos, e por isto introjetam em suas cabeças que a história é decorativa. Enquanto o historiador/professor não entender que a história é alegre, não saberá discernir. Continuando o diálogo com a mesma canção:

*“A história é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue...”¹²*

O saber histórico não é linear, ou uma caixa aberta que aos poucos vão se colocando informações, dados e depois esta caixa se fecha e nada mais é aproveitado. Neste caso o livro didático deverá proporcionar um diálogo aberto com o aluno e que ele não seja utilizado como único instrumento, mais que possa haver a utilização de outras possibilidades de materiais.

É um desafio para o professor lutar contra as adversidades e contornar os problemas existentes nos livros didáticos, quando ele é obrigado a seguir orientações, conteúdos e delimitações do livro e de um parâmetro que lhe é imposto.

Novamente estas questões nos remetem ao que diz respeito à formação do professor de História, hoje existe uma séria dicotomia nas universidades no sentido de formar bacharéis ou professores. Este é um grande dilema, que persiste no cenário atual da educação, como unir então teoria e prática? A diferença entre Licenciatura e Bacharelado é muito simples, está presente apenas nas disciplinas de educação. Em muitas universidades as disciplinas de educação desde as Psicologias da Educação e da Aprendizagem, Didática, Estrutura de Ensino e Prática de Ensino, é de responsabilidade dos Departamentos de Educação. Os nossos departamentos não se prepararam pra oferecer estas disciplinas.

O ofício do historiador muitas vezes se distancia do ser professor. A própria estrutura curricular dos cursos de história são responsáveis por esta divisão e diferença entre o ensino e a pesquisa. O exercício pedagógico exige muito conhecimento teórico e prático, esta promoção não se aproxima da parte pedagógica, onde nossos professores universitários estão a formar profissionais despreparados, e jogando profissionais com graves deficiências no ensino da História. Acredito que “conhecimento e didática”, não devam caminhar separadas num curso de História, para conter um pouco desta situação,

¹¹ (Cancion por la unidad Latino Americana. Pablo Milanés, Versão Chico Buarque (1978))

¹² Idem, 8.

não seria o caso de estabelecer uma união entre Licenciatura e Bacharelado? Por que ambos não devem caminhar juntos na construção do saber e do pensar pedagógico?

O ensino e a pesquisa são inseparáveis, na realidade existe uma certa resistência dos professores de História nas universidades. Joana Neves questiona a esse respeito expondo que :

“A História, mas do que as outras disciplinas, sofre os efeitos de uma politização da pedagogia que pretende fazer uma agência de cultura do ensino. ‘Não basta saber, é preciso saber ensinar’ e, mais explicitamente: ‘não basta ensinar, é preciso educar ou não basta informar, é preciso formar’ e até mesmo máximas carregadas de subjetivismo emocional, do tipo: ‘mais importante do que conhecer é ser feliz’.”¹³

São alguns preconceitos que afastam a sustentabilidade de que a teoria possa ser aliada da prática pedagógica, assustando aqueles que sonham em unir estas duas dicotomias presentes no cenário da educação no Brasil.

O certo seria uma formação que unisse prática pedagógica e teórica, além da quebra de barreiras da relação aluno-professor, para que se possa ter melhoramentos no ensino/aprendizagem, de modo a conter essas barreiras que intervêm no conhecimento e na formação do aluno.

O professor a partir de sua formação deverá aprender a lidar com o livro didático de História, é preciso saber fazer uma boa escolha, observando e analisando desde a capa até a bibliografia. As universidades na intermediação de seus professores, também tem a obrigação de conscientizar os futuros professores em lidar com o didático e além disso permitir o acesso a todos os procedimentos pedagógicos e metodológicos inerentes ao saber histórico, proporcionando atividades que possibilitem o contato básico com a pesquisa.

É importante que o fazer desta discussão na formação dos profissionais de História, para termos consciência de como estão sendo formados os nossos professores. Por que toda esta situação irá se refletir na estrutura do ensino brasileiro, e como os profissionais são os principais mediadores do conhecimento na sala de aula, devemos observar que os professores mal preparados, não vão saber conduzir o material didático em suas aulas. Como vamos transmitir um conhecimento no qual não possuímos? Este professor além de ter deficiência de trabalho com o didático de História, também tenderá a centralizá-lo, que torna-se um perigo nas aulas. Haja vista, que os livros didáticos são recheados de conceitos ambivalentes, preconceitos e sentimento nacionalista. É fundamental que o professor conheça os problemas do livro didático, para que ele não saia propagando seus erros.

¹³ NEVES. Op., cit., p. 55.

O desafio será em suprir as lacunas existentes, e ainda refletir sobre sua deficiência, conscientizando que o livro não é a verdade, mas a transmissão de uma leitura a partir da compreensão do autor sobre os fatos.

O graduando não pode ser um pesquisador e ao mesmo tempo professor? Por que somente os profissionais da área de educação são chamados de educadores? Será que os profissionais de História e de outras áreas só possuem competências para ensinar e não para educar e formar? Todas estas formas de levar o preconceito ao ensino continuam arraigadas na nossa sociedade. Somos formados apenas para transmitir o conhecimento que adquirimos durante os anos de graduação, mas ainda insinua-se que não temos competência de educar, e preparar o aluno para a vida.

O livro didático junto ao professor de História, possui esse compromisso de formar cidadãos conscientes e ainda proporciona-lhes habilidades capazes de superar os desafios de sua vida, com capacidade de raciocinar, criticar, argumentar, negociar etc.

Todas estas posições refletidas diretamente no livro didático, existindo duas alternativas para o autor, de permanecer abordando a mesma estética “conteudista”, ou partir para novas problemáticas. Quando o autor preocupa-se com a dinâmica da História, possibilita a preparação de um material mais agradável e interessante de se ver e de se ler, mesmo assim quando alguns professores entram em contato com esse tipo de material. Repugnam e destrata como ridículo, que não possui “conteúdo” não tem exercícios que preparem o aluno para o vestibular, às imagens são estranhas, no geral, o livro é péssimo.

Muitos desses profissionais estão acostumados com uma divisão sistemática dos conteúdos, a partir de uma temporalidade proporcionada por um modelo europeu, quando quebra-se a estética, irá existir resistências quanto a nova metodologia, quando os exercícios são críticos e levam o aluno a sempre estar ligando o passado com sua realidade, permitindo fazer problematizações. Isto vai ser um problema para o professor despreparado que acostumado a repassar respostas prontas, terá que exigir de si mesmo a solução para as respostas, o mais viável será, não ter trabalho para responder questões quando se encontra pronta, delimitada fica mais fácil.

É difícil dentro da sala de aula ensinar aos alunos muito do que está exposto no livro de História, frutos de uma historiografia que pretendia enaltecer certos acontecimentos. A maioria dos didáticos de História contém conteúdos traçados a partir de uma temporalidade bem demarcada, começando desde uma Pré- História até uma História das atualidades.

Como tratar assuntos taxados como o “descobrimento do Brasil”? Muitos livros conduzem de forma simplória suas reflexões e questionamentos sobre esta temática. Não se fala da visão do “índio”, mas apenas o olhar do branco sobre a “terra desconhecida”. E ainda, alguns livros traçam o brilhante trabalho empreendedor e civilizador do europeu no Brasil.

São poucos os livros que abordam uma história em construção a partir das contribuições das diversas culturas que aqui estão presentes. Os PCN'S, alertam para estas questões, aludindo que existe uma série de obras no mercado que professam ser comprometidas com a renovação historiográfica e com as novas metodologias de ensino de História. Na maioria das vezes o que acontece é que os autores expõem na apresentação de seus livros, uma obra comprometida com a formação do aluno. Conscientes de que é um desafio o trabalho com o livro didático, é preciso romper barreiras, como também a tradicionalidade. Muitos promulgam propostas mágicas, porém continuam professando os mesmos problemas.

“Não é suficiente enunciar, de maneira até sofisticada, proposições metodológicas tentadoras e, decorrer da exposição, continuar com as velhas fórmulas de descrever os processos históricos. Ou o que é pior, anunciar um método e praticar o inverso”¹⁴

Muitos autores deixam claro que o livro didático é um instrumento muito importante para o ensino de História, contudo ele deve ser entendido como mais um suporte pedagógico que devem auxiliar o professor na promoção de aulas cidadãs, críticas, conscientes e participativas.

A Lei de Diretrizes e Bases, atenta-se para a compreensão da realidade permitindo uma reflexão sobre as diversidades e diferenças. Conscientes de que cada setor educacional brasileiro é uma imensidão de particularidades. O livro didático é uma necessidade na escola, mas não a única solução.

A LDB propõe uma nova questão curricular, havendo a necessidade de haver uma discussão sobre as diretrizes do trabalho em sala, para o Ensino Médio, como etapa final da educação básica, o livro deverá adaptar-se as finalidades desta nova lei que exige que nele seja discutidos o trabalho e a cidadania, para que o aluno, possa ser capaz de adaptar-se a novos condicionamentos incluindo a formação ética e a compreensão dos fundamentos científicos e daí identificar o processo histórico como transformação da sociedade e da cultura.

Em outro ponto de vista formar seres humanos normatizados pelo Estado, a partir do discurso da “ordem” para que este desempenhe seu papel como cidadão consciente. Neste caso, é mais viável produzir máquinas do que preparar indivíduos conscientes, do seu papel diante do que se produziu como cidadania, a impulsiona-lo a criticar a sua situação e os problemas que o rodeia.

Outro dos grandes problemas existentes relacionados ao livro didático é referente à máquina empresarial que envolve as editoras. Hoje, o didático é o produto mais vendido dessas editoras, fomentando num verdadeiro “negócio do saber impresso”. O PNLD, garante a distribuição gratuita dos livros didáticos dos estudantes de nível Fundamental e

¹⁴ BEZERRA.Op., Cit., p. 200.

recentemente Médio, a partir de um certo planejamento. Antes de ir para o *Guia de Livros Didáticos*, ele passa por uma avaliação de especialistas que anunciam suas qualidades, proporcionando a partir de uma resenha, a condição do livro.

O professor não dispõe da obra completa para analisar, mas apenas de uma crítica superficial sobre ela. São diversos os olhares sobre o livro didático desde o pedagógico até o político e econômico. Para nós professores, o olhar mais precioso é o de investigação e compreensão. Por ser o produto mais comercializado pelas editoras, os livros, portadores do “saber impressos” tratados como um objeto de desejo: “quem está fora quer entra” no negócio, e “quem está dentro não quer sair”.

Segundo a Revista Nossa História, o nicho das editoras é um comércio muito lucrativo, “num ciclo demorado de produção com retorno moroso e alto índice de investimento”. O lucro vem atraindo até editoras estrangeiras que têm comprado pequenas editoras como a Editora Moderna, comprada pela Editora espanhola Santilliana, ou a Ática e Scipione vendidas para a Abril.¹⁵

Isto é um caso para pensar numa desnacionalização dos didáticos brasileiros, mas é outra estória. Na verdade para manter esta máquina empresarial, não é mais o autor que produz sua obra, existindo toda uma equipe de apoio, ou técnica que auxilia na sua elaboração, passando de uma produção individual, para uma poderosa indústria editorial. Para JÚNIOR:

“Atualmente, todas as operações necessárias à produção de livros didáticos, passaram a ser encaradas como de alto risco, pois o investimento para se colocar uma coleção no mercado é extremamente alto e o mercado é extremamente competitivo.”¹⁶

Os autores em decorrência do grande consumo de livros tende a participar de todos os processos. A empresa é responsável por fazer a mídia, estando o autor, presente nos programas de divulgação, exigindo uma maior exposição de seu trabalho, tendo que agradar ao público, as editoras e ao Estado. “Ser excluído da lista do MEC pode significar a morte de uma editora”.

Portanto o tema livro didático é alvo de muitas conversas, discussões e críticas. O trabalho com esse instrumento de saber é um dos problemas da realidade fria do ensino brasileiro, não pode-se atribuir ao livro didático a consequência de todos estes obstáculos, por que desde o início, quando começou-se a pensar numa estrutura escolar para o Brasil, ocorrera milhares de problemas. É para o professor um desafio em suas aulas, a utilização deste

¹⁵ HAAG, Carlos. *O Negócio do Saber Impresso*. IN: **Revista Nossa História**. Março, 2006 p-82.

¹⁶ JÚNIOR, Décio Gatti. “*Um Itinerário de desigualdades: Livros Didático de História e Massificação do ensino na Escola Brasileira (1960-1990)*.” IN: Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: Fronteiras / Associação Nacional de História SP: Humanistas/ FFCH /USP: ANPUH, 1999. *Anais do XX Simpósio Nacional de História*, realizado em Florianópolis (SC) em Julho de 1999. p.222

instrumento, tão rico e ao mesmo tempo tão pobre, diante de uma realidade de ensino tão cruel, repleta de insatisfações e descontentamentos.

O sonho da mudança do livro didático, não é algo inatingível, bastando esforços em todos os âmbitos, na investida e qualificação dos livros que devem ser continuamente aprofundados. Afinal, o didático não é a salvação para o melhoramento da estrutura de ensino, o livro é apenas um pequeno recurso de uso em sala de aula, e veículo para a propagação do conhecimento. O professor como mediador desempenha um papel muito importante nesta relação, ele é quem vai apresentar este instrumento para seus alunos. Por isto ele deve pensar nas novas possibilidades de trabalho em sala como: filmes, iconografias, música, fotografia, literatura, revista, jornal, que com certeza darão um sabor especial na representação de suas aulas. A aula deve estar em suas mãos e não distante dela, o aluno não deve se considerar distante, mas caminhar junto ao livro, viajar nas suas discussões e desafiar o que nele está exposto.

Não são os (dis) sabores existentes no livro, que vão retirá-lo da sala de aula, porém deve-se encontrar, e privar dele todos os seus sabores que proporcionarão um grande caminho para o aprendizado. Quando é que vamos aprender a não sermos mais profissionais limitados? Deixar de ter medo em ousar, quebrando sistemas e buscando outros caminhos no campo do aprendizado?

O livro didático é sem dúvida a principal ferramenta de trabalho, não podemos jogar a responsabilidade a outros de analisá-lo, compreendê-lo e melhorá-lo. Não se pode ignorar sua importância, e descartá-lo de nossas atividades, contudo o dever do professor é apresentar outras propostas didáticas ao aluno. Atualmente as informações giram em torno de uma grande velocidade, e quando o aluno/leitor entrar em contato com o livro didático, muito conhecimento já se encontra subjetivado, então este material se tornará mais um veículo de informação, e então exige qualidade.

O hábito da pesquisa histórica deve ser estimulada desde cedo nos alunos, não podemos valer-se apenas do livro didático para “empurrar”, tudo o que nós sabemos sobre ele. Este contato deve proporcionar mais uma experiência e auxiliar na descoberta de uma história mais ligada a atualidade e apresentável aos moldes da história acadêmica atual.

Bibliografia

ARANHA, Gervácio Batista. IN: *Palestra proferida no seminário “Ensinar e Aprender História na amizade e na brincadeira* (Primeiro Seminário de apoio ao ensino de História)”

BRASIL.Secretaria De Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Primeiros e Quarto Ciclos. História. Brasília, MEC. SEF, 2001.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacioanal. Brasília: Secretaria de Edições Técnicas, 2001.

HAAG, Carlos. *O Negócio do Saber Impresso*. IN: **Revista Nossa História**.Março, 2006 p.p. 78-82.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Et alli. Campinas. SP: Editora UNICAMP, 1994.

MIRANDA, Renan Garcia e CAMPOS, Flávio de. *Oficina da História: História Integrada*. São Paulo: Moderna, 2000.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martierena de e TAMBARA, Eleomar Antônio Callegaro. *A imagem fotográfica como fonte de pesquisa para a pesquisa em História da Educação*. IN: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação**. Natal, RN: SBHE, 2002. p.2

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira & SCOCUGLIA, Afonso Celso (orgs). *Educação & História no Brasil Contemporâneo*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p.55

RIBEIRO, Marcus Toledo. *Os Novos Caminhos do ensino da História*. IN: **Revista Nossa História**. Setembro, 2004. p.p. 80-82.

_____. *Não Basta ensinar História*. IN: **Revista Nossa História**. Abril, 2004. p.p. 76-78.

SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. *O livro didático de História da Paraíba: Problemas e desafios*. Projeto de Pesquisa.

VINCI, José Geraldo. *História Geral e Brasil*. São Paulo: Atual, 2003.

Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: Fronteiras / Associação Nacional de História SP: Humanistas/ FFCH /USP: ANPUH, 1999. *Anais do XX Simpósio Nacional de História*, realizado em Florianópolis (SC) em Julho de 1999.